

Palavras ao redor do farol

Some words around the lighthouse

Des paroles autour du phare

*Renata Lisbôa**

Resenha do livro de Abrão Slavutzki e Edson de Sousa, *Imaginar o Amanhã: ensaios e crônicas*. Porto Alegre: Diadorim, 2020.



* Psicanalista. Doutora em Letras – PPGL/PUCRS. Pós-doutoranda do Programa Avançado de Cultura Contemporânea – PACC/UF RJ. Membro efetivo, professora e supervisora do IWBion.

<https://orcid.org/0000-0002-5282-5712>

E-mail: relisboa7@hotmail.com

Esta é uma resenha em forma de carta com um endereçamento afetivo aos autores do livro “Imaginar o Amanhã”. Vamos ao texto.

Recentemente, por ocasião do aniversário de 75 anos da escritora Conceição Evaristo, promoveu-se uma *live*, entre ela e sua amiga, a escritora Paulina Chiziane. Segundo esta, em vez de ser a primeira mulher negra vencedora do Prêmio Camões 2021, “é a primeira mulher da raça preta a ganhar o Camões depois de 32 edições premiando escritores e escritoras brancos”. Nessa conversa agradável e potente, Paulina diz a Evaristo num determinado momento: “[...] nós somos muito comadres, e eu quero tomar um chopp com você”. Conceição sorri e concorda. Fala do valor da amizade, da memória e do quanto precisamos das memórias dos outros para podermos escrever, dando ênfase a esse sujeito coletivo que aparece na escrita, a essa subjetividade coletiva que também se faz presente no livro de vocês.

Nessa ideia de subjetividade coletiva que ressuma do texto e das reverberações da leitura, eu me inspirei em cinco palavras que verteram daquilo que li e que agora compartilho com vocês. São elas:

1. Risos; 2. Irradiação; 3. Tempestade; 4. Metamorfose; 5. Compaixão.

Escolhi o texto “O ofício do poeta”, de Elias Canetti, que se encontra em seu livro “A consciência das palavras” (1975/2011), porque penso que esse escritor dialoga muito bem com a obra “Imaginar o amanhã”. Vamos às palavras primeiro!

A amizade tecida por dois amigos engendra risos, abre caminhos, ilumina e aquece quem está ao redor. Esse escrito é um legado e uma herança que é transmitida em vida a quem acompanha Abrão e Edson. Os temas trabalhados, tão vastos, diversos e urgentes, geram uma pulsação, um ritmo que faz brotar em quem lê o desejo de franquear o diálogo, que nasce dessas linhas de palavras e que logo se transformam em pensamento, afeto e intercâmbio. Penetram em nós e nos desacomodam, convidando-nos a sair do lugar conhecido. São a matéria-prima da psicanálise e de seu diálogo com a cultura. Somos todos habitantes do Sertão de Rosa e do “Insertão” de Sousa.

Retomando o texto de Canetti, nele há uma pergunta inicial que surge: seria o poeta capaz de impedir a guerra? Aparentemente, o escritor considera isso um despropósito. Mas, aos poucos, na própria construção do texto e de seu movimento interno, ele vai concluir que sim. Ainda nesse texto, ele aborda o poder de irradiação de Ulisses ao mencionar os grandes textos importantes da humanidade e da literatura, como “As metamorfoses” de Ovídio e seu poder de influência em tantos autores, como em Shakespeare.

Estamos já na segunda palavra que escolhi para pensar nos ecos do texto de vocês: irradiação. “Imaginar o amanhã” é isso: uma irradiação. Trata-se de uma manifestação viva de um laço potente, é expressão de uma necessária indignação; é uma estrutura elevada e emite luz de longo alcance, tornando mais nítido aquilo que buscamos, na condição de leitores, ao “des-cobrir” tantos pontos escuros.

Vale lembrar que quando uma obra nos oportuniza entrar em contato com o viver criativo, estamos no campo da transicionalidade. O psicanalista D.W. Winnicott desenvolveu muito bem esse conceito que criou depois de quarenta anos de experiência clínica, “Objetos transicionais e fenômenos transicionais” (1971/2019). Segundo ele, com base numa experiência que se vive junto, *entre* duas pessoas, a partir da ideia de criação, estamos nesse espaço que ele nomeia de potencial, que se trata de uma área intermediária de experimentação, constituída pela realidade interior e pela vida exterior. Não pertence

a ninguém, porque não está localizada nem totalmente fora, nem totalmente dentro e porque pertence à dupla. Esse *entre* da amizade e da escrita que se revela através de imagens que nos instigam a sonhar de novo e que vocês nos trazem, lança-nos a uma zona ética porque suspende justamente os conflitos, fazendo operar os paradoxos que são tão caros à literatura, à poesia e à psicanálise. Quando li a crônica “Tecidos da vida”, supus, pelo título, que o escrito fosse de autoria do Edson. Tive quase certeza de que o era quando deparei com a frase: “O tempo é o tecido de nossa vida, ao contrário do que escutamos, de o tempo ser dinheiro, como se aprendeu com essa frase em inglês: *time is money*”. Mais à frente, lê-se outro trecho: “É verdade que os tempos são traumáticos, tempos de medo, logo convém buscar amparos. Há motivo de sobra para queixas, mas um dia essa loucura irá diminuir, e a gente se abraçará e novos amores nascerão” (AS). Quando vi “Abrão Slavutzky” na página que lia, eu me encantei com isso que Winnicott aponta sobre esse espaço potencial como espaço de criação e como pertencendo aos dois que estão criando e ao mesmo tempo a ninguém. Rapidamente, recordei de Gaston Bachelard e do seu conceito de imaginação. No seu livro “O ar e os sonhos”, afirma que a imaginação não é a capacidade de formar imagens, mas sim a capacidade de deformar as imagens, o que tem relação direta com o sonho e com o inconsciente. Além de ser uma inspiração, portanto, o livro de vocês alcança esse patamar de fornecer imagens novas aos leitores, imagens que vitalizam e renovam o psiquismo.

Por sua vez, no país em que vivemos, o espaço e as condições para imaginar, sonhar, brincar e criar, conviver de forma respeitosa com as diferenças, tem sido quase impossível. O fascismo instalado nas instituições e na forma de governar, a estupidez, a crueldade, o sadismo e desejo de morte destruíram os sonhos de uma parcela significativa da população, provocando desesperança, desastre e tempestade. “Imaginar o amanhã” é um caminho para resistir ao horror de nosso tempo. E aí vem a terceira palavra, “tempestade”, extraída do texto de Paulo Endo, que surge na conversa, um grande amigo dessa dupla.

No prefácio que escreve para o vosso livro, ele cria o título “As políticas da amizade ou A imaginação no poder”, que imediatamente convoca a leitora a se molhar nessas águas lícidas das palavras que ele tece. Endo também convida os amigos leitores a visitarem outro livro imprescindível para esses dias escuros que é o “Políticas da Inimizade” de Achille Mbembe. Entre muitos temas, como o estado de insegurança, o racismo, o rumo civilizacional que tomaremos, o pesquisador realça o desejo de inimigo.

Voltando ao prefácio de Paulo Endo, recupero aqui uma breve passagem do seu texto: “Em meio às tempestades, constatamos que algumas e alguns nos são essenciais em tempos de crise. São aqueles e aquelas com os/as quais imaginamos o amanhã nutridos pelo espírito solidário que aparece nas horas escuras”. É também nas horas escuras que podemos viver as metamorfoses, que nos dão a chance de trocar de lugar e de obter novas condições de enunciação, que nos liberam pra criar.

Essa coletânea de crônicas e ensaios que vocês escreveram se configura como nova rota de navegação que se desvela para nós. Com os sorrisos e provocações que nos irradiam, passamos a encontrar um lugar onde é possível se abrigar das tempestades e da desesperança. Estamos diante das utopias e de outros horizontes possíveis a serem criados por todos nós. Então, a metamorfose, quarta palavra, instaura-se quando criamos mais e mais espaços dentro de nós, segundo Canetti.

Nesse sentido, parece difícil eleger qual o ensaio ou crônica do escrito de vocês que toca e nos fazer refletir mais. Certamente, “Ler as cinzas – trauma, memória e esperança”, todavia, causa uma atração para o centro da obra, deixando-nos mais perto do farol e desses dois faroleiros. A energia que se propaga é a da alegria por recebermos um convite a seguirmos em frente juntos. Esse livro se ocupa justamente disso: de um

tempo de despertar e de reagir, de mudar as coisas. Os autores são os guias que nos oferecem um ótimo mapa de navegação. Como afirma a escritora Carolina Maria de Jesus: “O mundo modifica para os que reagem”. Ainda sobre o ensaio referido, “Ler as cinzas – trauma, memória e esperança”, é necessário retomar a referência à escritora Susan Sontag e à sua obra “Diante da dor dos outros”. Tal referência é cirúrgica ao colocar acento no fato de que a indiferença é uma fraqueza moral. Não há nada mais sórdido e brutal que a tortura. Tomar contato com a história da prisão e tortura de Amelinha Telles, de seu marido e do abuso indizível e revoltante que fizeram com seus filhos nos conecta com esse Brasil dos porões da ditadura civil-militar, com aquilo que é incinerado, com a perversão total, mas que sempre resta.

Com efeito, “Imaginar o amanhã” em companhia é compadecer-se de um país em chamas e do desamparo de seu povo, é não se anestesiarem, nem desistir. A pátria brasileira se encontra em franca devastação, outro tema trabalhado no livro e que é pungente. O incêndio na Cinemateca em SP e no Museu Nacional do RJ escancaram essa tragédia. Logo, escrever, imaginar e ficcionalizar são formas de resistir ao fascismo e ao desejo de destruição. Por todas essas razões, precisamos nos compadecer. Eis a quinta palavra: compaixão. *Compassio* diz respeito a calçar o sapato do outro, identificar-se com o outro, sentir dor junto do outro.

Nossa terra virou deserto, tomada de dor, estupidez e escassez de vida, de justiça social, de arte e de sonhos. As pessoas demonstram estar anestesiadas e alienadas, repetindo um cotidiano sem graça e sem mudança. Há muita gente, contudo, que resiste e inventa como vocês. Um deles é o artista e rapper Mano Brown, uma voz que vem da periferia e que extrai o seu poder das margens e das dores de um povo sofrido, esquecido e maltratado. Ele faz movimentar um rio. No último episódio da temporada do podcast “Mano a Mano” (Spotify Original, 2021), Brown entrevistou o ator e diretor de cinema Wagner Moura por ocasião do filme *Marighella*. Num bate-papo, o rapper mostra a sua potência de irradiação: “Rapaziada, quem tá reclamando de insegurança é a favela. A favela tá sendo assaltada. Entendeu? Não é o rico que tá reclamando, não. A favela tá reclamando porque a filha tá sendo roubada de manhã. A favela... Se já não tivessem todos os problemas, ainda tem essa insegurança. E quem tá passando por isso são os nossos. Então, tem-se uma tendência assim: se alguém entra na pauta da segurança, é como se o cara fosse um cara da direita, só o cara da direita que se preocupa com isso. Não! Todo mundo quer segurança. O cara da esquerda também quer. Entendeu? O cara, pá. A filha dele vai sair às 6 horas da manhã pra trabalhar e pá. Ele quer que ela volta pro celularzinho dela. Entendeu? Então, é uma coisa que é assim, *essa movimentação na sociedade, alguém vai ter que mexer. A conscientização vai vir de algum lado, ...da rapaziada, que tá fazendo. Tem que conscientizar, mano, entendeu? Tem que conscientizar, tá ligado? Dá desequilíbrio na balança. Tá colocando nós contra nós mesmo o tempo todo*”.

Termino com uma inspiração tocante, que trata de uma experiência recente vivida no Parque do Ibirapuera na 34ª Bienal de SP, cujo título é “Faz escuro, mas eu canto”, extraído de um verso do poeta amazonense Tiago de Mello. Na seção “Objetos do Museu Nacional”, há três elementos que, postos em relação, tornam-se arte. Cito aqui a descrição do enunciado da curadoria da exposição:

“O primeiro elemento desse conjunto é uma rocha que, com o calor do incêndio, se transformou de ametista (variedade violeta de quartzo) em citrino (variedade amarela de quartzo). Trata-se de um processo demorado, o que atesta que a temperatura no museu deve ter ficado ao redor dos 450° C por várias horas. Ao absorver indelevelmente o calor, a rocha tornou-se um indício, e sua cor, uma

testemunha do que aconteceu. Transformou-se, mas é a mesma rocha. Continua sendo a mesma rocha porque soube transformar-se. O segundo elemento, uma ritxòkò, foi doado por Kaimote Kamayurá, da aldeia Karajá de Hawaló, na Ilha do Bananal, Tocantins, para ajudar na reconstituição da coleção. Simbolicamente, ela substitui uma boneca perdida no incêndio, enfatizando quanto o significado de alguns objetos transcende sua presença e até sua existência física. Com esse gesto, Kaimote Kamayurá atua como representante de um povo originário que decide contribuir ativamente para a preservação da sua cultura e para a reconstrução do acervo do Museu Nacional. Começar de novo pode ser também uma oportunidade de reiterar as parcelas dos pactos que fortalecem as partes envolvidas, criticando o que subjuga o saber de um povo à violência exploratória de outro. O último objeto desse conjunto é o Santa Luzia, o segundo maior meteorito encontrado no Brasil, descoberto em 1921 na cidade de Santa Luzia (atual Luziânia), Goiás. Fragmentos de asteroides, cometas ou restos de planetas, ao entrar na atmosfera terrestre, atingem temperaturas superiores aos 1.000°C, suficientes, em muitos casos, para consumi-los por completo. Os fragmentos que sobrevivem, trazendo à superfície da Terra a memória de um périplo por tempos e espaços dificilmente imagináveis, são chamados de meteoritos. Temperado pela passagem pela atmosfera, o Santa Luzia emergiu totalmente ileso dos escombros do Museu Nacional”.

Precisamos saber nos transformar, sendo nós mesmos. Precisamos ser testemunhas do horror para que não nos esqueçamos, para que não apaguem nossa memória coletiva. Necessitamos da generosidade dos povos autóctones que nos lembram da urgência de darmos as mãos para podermos continuar, para não morrermos e nem sucumbirmos ao caos. Precisamos começar de novo. Somos esses próprios restos que sobrevivem ao ódio e teremos de lidar com muitos escombros para ficarmos de pé e lutar por igualdade.

Vou finalizar aqui, tentando dar conta, minimamente, dos tantos ecos e dos tantos fragmentos que surgem a partir da obra e da leitura e que serão objeto de reflexão e elaboração. Abrão e Edson, muito obrigada por esse livro, que faz expandir a vida psíquica e coletiva, trazendo-nos a possibilidade e a esperança de “Imaginar o amanhã”. Agradeço, particularmente, por tudo o que vocês têm feito como cidadãos e como psicanalistas, ao contribuírem de forma tão significativa com a história do movimento psicanalítico de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, embora vocês andem pelo mundo e pelo Brasil espalhando essas sementes e emitindo essas luzes que são calor e chama boa que acende o desejo de lutar por um país melhor. Assim como o quartzo, o meteorito Santa Luzia e a boneca, os parabenizo e os saúdo porque nos mostram o quanto continuam os mesmos porque souberam se transformar e se transformar juntos ao longo desse tempo!

Como escreve Paulo Endo: “Mudar o mundo é atributo daqueles que contemplam o universo. Por isso, uma das hipóteses etimológicas da palavra “considerar” vem da raiz latina das palavras “com-sidus” (junto-estrela). Siderar junto é pensar com o universo”. Que a gente siga pensando com o universo. Também quero tomar uma cerveja com vocês!

Faz escuro, mas a gente canta!

Citação/Citation: Lisbôa, R. (2022) Palavras ao redor do farol. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XIV, no. 2.), pp. 135-140.

Recebido: janeiro de 2020
Aprovado: setembro de 2022